

MOBILIÁRIO SEISCEN-
TISTA DE AROUCA

Apalecido em
21/8 e postulado por
na: do Paço Real do
Archiep. CATH. do Porto
quando lido.

Senhor Engenheiro:

Acabo de telefonar. Sei que passou mal a noite. A Esposa do Senhor Engenheiro tomou meu apontamento do que queria dizer:

1- Nos diversos estudos que tenho do falecido Dr. Simões ymitt nada encontrei sobre o assunto de que me falou.

2- a "Cela de Santo Ambrósio" - miniatura do Museu de Armas é de interesse. Como não sei se possui a colecção do Rev. Museu, mando fotocópia dos artigos.

3- Se vier a encontrar elementos sobre o assunto que me interessa, terei o cuidado de avisar e transmitir.

Faço votos pelas melhoras. Quando surgir oport

Amizade, gostaria de falar sobre a Pessoa
que, há dias, teve a gentileza de me apresentar.

Com os melhores cumprimentos, peço um
Cria

At. e Ven.º

Porto, 18 de Agosto de 1975

+ Domingos de Pinho Brandão

Manuel Rodrigues Simões Júnior

~~Subdelegado de Saúde~~

para os efeitos v. de-
monstrando a minha resigna-
ção para sempre.

AROUCA

Ração de Freira

Por Provisão de 30 de Janeiro de 1617 o Núncio Apostólico mandou que o Real Mosteiro não tivesse mais de 115 religiosas professas, numero que mais tarde foi alterado para 127; tinha este Mosteiro quatro ordens de criadas: da Ordem, pagas pela mesma, das Freiras pagas por elas, do Vento, que não tinham a propria, andando às ordens de todos e de encosto, nome absolutamente proprio dado, às incapazes de trabalhar, ou pela sua idade ou pelo seu estado de saúde.

A entrada de uma noviça no Real Mosteiro implicava a despeza seguinte: Dote 600\$000 reis, Propina da Senhora Abadessa, 6\$400 reis—Propinas de 5 padres, a 4\$000 cada um, 20\$000 reis—Propina do padre secretário, provisão, 4\$000 reis—Propina do padre feitor, 4\$800 reis—propinas de 98 religiosas, a 1\$200 reis, 117\$000—propina do doutor médico, 1\$200 reis—propina do cirurgião e sangrador—mór, 1\$400 reis—propina da boticária, \$600 reis— ao escrivão que faz a escritura, 1\$600 reis—para despezas que se fazem com vários presentes às senhoras ex-abadessas, 24\$000 reis: soma 782\$400 reis.

As mesmas propinas são pagas quando da profissão, à excepção das duas moedas que têm o padre feitor e o padre secretário, e o dote de 1\$600 reis ao escrivão

O enxoval de uma noviça era constituído por: um oratório, com Santo Cristo—um breviário 2 horas da Ordem—quatro toalhas de mesa, duas das quais serão mais pequenas e duas maiores—duas duzias de guardanapos—uma dúzia de toaletes—algumas vâras de estopa para panos de cozinha—duzia e meia de lençoes, convem a saber, uma dúzia com folhos e meia dúzia lisos e outro tanto de travesseiros, do mesmo modo—duas dúzias de camisas—uma dúzia de anágoas de pano fino—duzia e meia de lenços—uma barra para dormir, decente, com enxergão e dois ou tres colchões—bacia de pés e de cama ou do leito—uma cómoda—papeleira—mesa e vidraças para a janela—cobertores para hóspedes e para a sua cama, com algumas cobertas de palhinha—uma salva de prata—um aparelho de chã de louça da India, que tenha duas dúzias, com seis colherinhas de prata—espumadeira e tenaz do mesmo metal—um faqueiro de prata, ao menos de seis concertos—candleiro de lumes—tres castiçais de metal—um talher—prato e jarro de água às mãos—um lavatório de louça—pratos de estanho—bacias de cobre para serviço da casa, duas ou tres—tachos—espumadeiras—dois raladores—dois espêtos, um pequeno e outro grande—trempe—certã—grelhas, etc.

Para os vestidos das noviças ~~xxxxx~~ são necessários: Nove côvados de sarja branca para mantilha—vinte e seis covados de durante ou sempiterna (sic) para saias e roupinhas, tudo branco—tres côvados de baetão branco para mantilha de ombro—quatro pares de sapatos de pelica branca, para o noviciado.

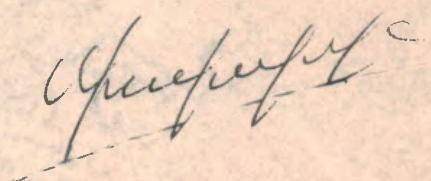
Cada religiosa tem para seu sustento a chamada RAÇÃO DE FREIRA, constituída por: nove pães, cada semana, pesando cada um um arrátel-de vaca seis arrátéis e tres quartas-de peixe, cada dia, um arrátel-doze arrátéis de carne de porco-uma arroba de arroz-um cantaro de azeite-duas dúzias de velas de sebo, uma in die de candeias-um cruzado novo todos os mezes pelas ceias, que se costumam dar em dinheiro-um alqueire de sal, todos os anos, fora o que se dá para salgar a vaca-tem de vestidoria, cada ano, 14\$400 reis-quando está doente se lhe dá, 120 reis para galinha, cada dia-tem mais para a criada nove michas de broa, várias pitanças de arroz doce-uns bolos grandes doces, uma galinha pelo natal, uns cabos de cebolas e outras miudesas (1)

A MICHA era uma espécie de cacete, adocicado e com pouca côdea, de trigo e milho, distribuída às 11 horas, à porta do Celeiro, por uma criada, mas vigiada a distribuição pela Madre Celeireira, para o que tocava uma campainha -lá está a tocar à micha, diziam os rapazes, ~~(2)~~ que corriam para a receber (2). Às 11 horas também era fornecido, à porta da Casa dos Padres, mais tarde Hospital da Misericórdia, o caldo aos pobres, facto já citado por Lino d'Assunção.

DOCES

Cada Mosteiro tinha as suas especialidades em doces: em Arouca fazia-se o Pão de S. Bernardo, uma espécie de bola grande, muito fôfa e muito apreciada para acompanhar o chã, as Morcelas de Arouca, acondicionadas em caixas redondas, muito enfeitadas com papeis, de várias cores, muito recortados ou ainda em caixas redondas, com a forma de livro, a que davam o nome Breviário de Morcelas, da mesma maneira enfeitado, o Manjar de lingua, doce de travessa, mas apresentado em caixas e as Rôscas de amêdoas, cujo nome indica a forma. Depois de fazerem as morcelas, com os restos faziam umas papas, que davam aos pobres, servidas em tigelas vermelhas (2).

~~Uma~~ descrição de doces de Coimbra, de 1652, fala-se na alcorça de Arouca e nos corintos, hoje desconhecidos,



(1) "O Conimbricense", nº 3.948 de 23 de Junho de 1885

(2) Informação do querido amigo, já falecido, Ernesto Ferreira

AROUCA

- "Quia de Portugal" - Bude J. e M. - I. D. Libr. pag. 989
(c/ bibliografia) see above:
- Fr. Rem. de Boito: "História da fundac. do univ. de S. Pedro e S. Paulo de Arucea" (in "Notícias de fr. Fortunato de S. Boavent. 1874, p. 213-254)
- Simão de Al: "Portug. autog. e suas lras." - 1873/20
- Américo Costa: "Dicionário concisivo." - 1930, vol. 20
- A. Frazar de Almeida: "Arucea, terra de S.ª Na. Jaela" ("Panorama", n.º 12 - Dez. 1956)
- M. R. Simões Jun.: "Anteiros de Arucea" ("Santa em Portugal de pap. de Alven, n.º 20 - 1960)
"Anteiros de Arucea" (lumo gr. inédito)
- Robert C. Smith: "Uma cela de N.º Antônio Sebastião do Mus. de Arucea" ("MUSEV", 29.5. n.º 6, Dezembro. 1963)
- "Relaç. do object. presenc. ao espólio do ex. univ. com. das J. e lras de Ord. de Cister de Arucea recolh. pela Acad. Real de Bel. Artes" - 29/9/1886
Arquiv. hist. do Minist. das Financ. - Justic. Religios. - Cruceiro de freiras: S.ª Na. de Arucea. Caixa n.º 3, doc. 107. Há a "fecal de B. Sebastião" de J. e a "Cela de N.º Antônio" e' o n.º 32. Deve haver "fecal de certos ou certidões" !!
- Enciclop. "Verbo" - "AROUCA - S. Pedro de Viterbo - Famoso de Deus - Ferras"
- Rocha Nadalil - "O castiño do Anteiros de Arucea"
Arquiv. do Distrit. de Av. - IX, 1943, 30 / X, 37 / XIV, 141

Quando passu a Ord. de Cister, em 1229,
ficu sob a dependencia de Alcobaca

- Reginaldo do Santos: "Caracter da Arte Po-
rtega através do Tempo" - "Círculo",
no. 14, 1961
- Pedro Vitorino: "Arteiro de Azenha - O Mu-
seu" - 1937 (cit. no Guia de Portaf.)
- Herculanoo: "Apresentação de viagem"
- Camilo: "Estrelas Juvenis"
- Abel Pinheiro: "Mulheres da Beira"
- Frei Manuel do Santos:
"Alcobaca ilustrada" - Crisólabe, 1710
- M. Vieira Natividade:
"O monteiro de Alcobaca" - Crisólabe, 1885
- ?
Lino d'Assunção

A existência de Pais, Oficiais e a sistema-
tização das exigências ^{das Freiras} ou, até, dos nobres, solares, abun-
dantes, ~~na Vila e arredores~~ (

desde logo a partir, para uma certa sistematização
do tipo, estilo, dimensões e modelo e acabou men-
do do mobiliário ^{exigido} e a experiência de um anos
~~de quem~~ de quem, como Albano Ferreira,
no seu cargo de ajudante de notário versus a-
meador de antiguidades, calcularia toda a re-
quisição, incluindo em obras e catas, ~~oferece- vos um de-~~

por um importante que permite objetivar

os seguintes pontos, quanta mentais, à histo-
ria do mobiliário de Alma em seus
os seus anos, que logos alugar até agosto,
de dias:

- Por morte dos Freires, o seu apólio, no maior
mente de um reio, em de herdade pela cidade, re-
fectiva, geralmente omitida, da região e que na
região casarem, levando os que usualmente, para esta;

- Disso era para a existência, nos pontos mais
inacessíveis e imprevistos, em verdadeiras caba-
nas, até de pequenos tipos e de determinado
tipo, que se podiam servir do Convento
por herança legítima, doações ou para
seu uso de longo período em que,
já seu freira, ele era praticamente devastado
por toda a gente;

MVSEV

DIRECÇÃO
MANUEL DE FIGUEIREDO
ROLANDO VAN ZELLER

REDACÇÃO:
CARLOS DA SILVA LOPES
DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO
MARIA CLEMENTINA QUARESMA

CADA UM SEGUN-
DO O SEU PODER



Segunda série, N.º 6 — Dezembro de 1963

PUBLICAÇÃO DO
CÍRCULO DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO
PALÁCIO DOS CARRANCAS — RUA D. MANUEL II
PORTO

UMA «CELA DE SANTO AMBRÓSIO» SETECENTISTA DO MUSEU DE AROUCA

por

ROBERT C. SMITH

ENTRE os muitos encantos do século XVIII figura a arte de trabalhar em miniatura. Nascida do impulso criador do rococó, que reduziu tudo a proporções diminutas, como nos desenhos de Berain e de Watteau, a tendência miniaturista, de um lado, espalhou as fantasias em pequena escala do ornato da época. Do outro lado, produziu uma grande quantidade de modelos ou pequenas versões de objectos maiores, reproduzindo com extraordinária exactidão os pormenores das obras que os inspiraram.

A moda das miniaturas manifestou-se sobretudo no campo do mobiliário. Há comodinhas, escrevaninhas e pequenas mesas ornamentais, de médio ou quarto tamanho, verdadeiras obras-primas de «marqueterie», adornadas de bronzes dourados e tampos de mármore exóticos, destinadas a serem e utilizadas ao lado dos seus correspondentes de maiores dimensões. Existe também uma segunda categoria de móveis em miniatura, constituída de peças de escala muito menor, fabricadas para diversos fins. Em Portugal, por exemplo, as camas e cadeiras, os catres e os berços, de reduzidas dimensões, feitos para acomodar imagens do Menino Jesus⁽¹⁾. Também, nos pequenos grupos de barro ou madeira entalhada, mostrando Sant'Ana, sentada, dando instrução à Santíssima Virgem, figuram cadeiras de alto espaldar, geralmente pintadas e douradas, da mais bizarra forma⁽²⁾. Há, finalmente, um terceiro grupo de móveis em miniatura,

(1) Existe uma bela colecção no museu de artes decorativas da Fundação Ricardo de Espírito Santo Silva, em Lisboa.

(2) Recomendam-se esplêndidos exemplares pertencentes do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa.

os mais pequenos de todos, destinados a mobiliar maquetas representando salas, agrupadas, às vezes, em casas de bonecas setecentistas. Hoje em dia raríssimos, encontram-se alguns exemplares admiráveis em diversos museus da Inglaterra e da Holanda (3), cujas pequeníssimas mesas, camas e cadeiras, executadas com esmero técnico, reproduzem as características de determinados estilos.

Comparável com os melhores produtos estrangeiros da época, é a maqueta de uma rica sala de estar portuguesa do século XVIII, conservada no museu do antigo mosteiro cistercense de Arouca (3). Conhecida como a «Cela de Santo Ambrósio», faz parte da riqueza notável de presépios, relicários e outros objectos de devoção e deleite, fabricados em madeira, barro ou papel recortado para os conventos de freiras mais importantes de Portugal e do Brasil, no decurso do século XVIII (4).

A maqueta ocupa uma caixa rectangular, construída em forma de vitrina, com pés e molduras setecentistas, de um certo sabor inglês (5). Todas as características da sua mobília indicam uma data do terceiro quartel do século, quando o rococó alcançou em Portugal o seu apogeu, com o estilo decorativo denominado de D. José. Foi executada, provavelmente por um marceneiro do Porto, donde veio a maior parte dos entalhadores conhecidos que trabalharam em Arouca durante a primeira parte do século XVIII (6). Há também certos indícios estilísticos de uma origem portuense.

Apesar da sua escala reduzida, o modelo revela um luxuoso interior perfeitamente português, meticulosamente representado. As paredes são caiadas de branco e o tecto, ligeiramente curvo, ostenta, no meio, uma pintura de uma alegoria feminina dentro de uma tarja de linhas ondulantes, como em vários solares do norte de Portugal. De forma semelhante é a orla do «azulejo» azul e branco pintado na zona inferior das paredes laterais, cujas janelas rectangulares e cimalkhas fingem mármore polichromados, segundo um tipo de pintura muito empregado naquela época.

(3) Organizado pelo Ex.mo Sr. Dr. Manuel Rodrigues Simões Júnior, que tanto tem feito para guardar e tornar conhecida essa magnífica reliquia de arte barroca, que é a igreja, com as suas dependências, do antigo estabelecimento de freiras bernardinas.

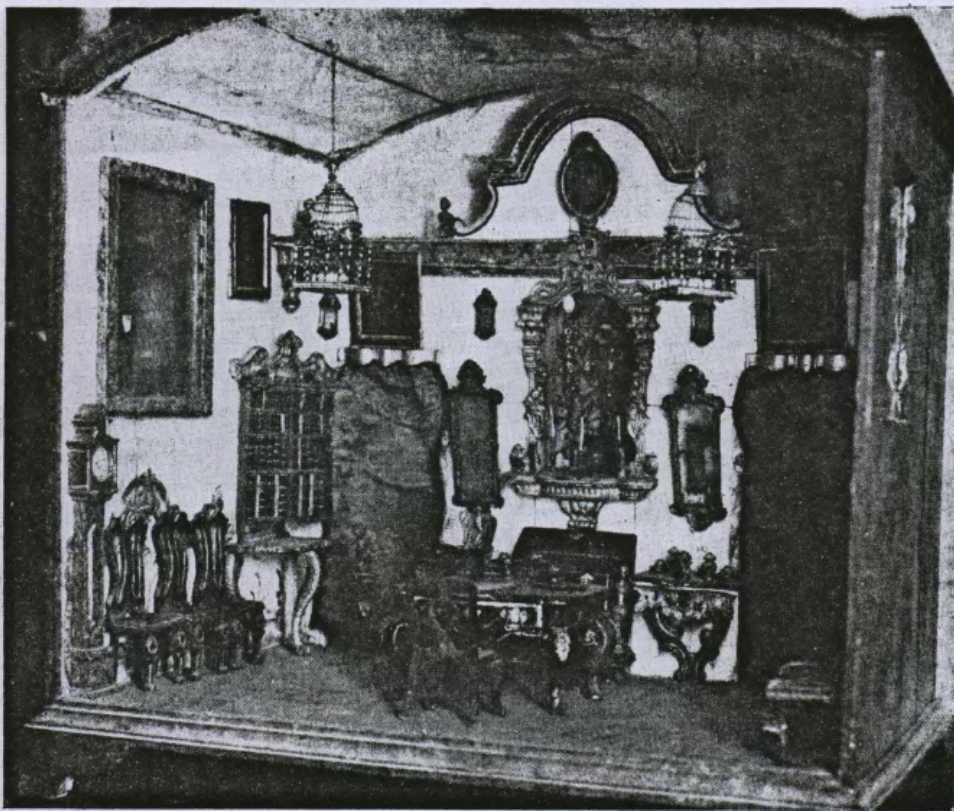
(4) Em uma «Relação dos objectos pertencentes ao espólio do extinto convento das freiras da Ordem de Cister de Arouca, escolhidos pela Academia Real de Belas Artes», de 29 de Setembro de 1886, a maqueta vem relacionada com o n.º 32 da secção de *Esculturas*, do modo seguinte: «Maquineta ou redoma angular contendo uma figurinha escrevendo a uma meza n'uma sala rica. Pretende representar Santo Ambrósio» (Arquivo Histórico do Ministério das Finanças: — Instituições Religiosas — Conventos de Freiras: Santa Maria de Arouca. Caixa n.º 3, doc. 107). Informação do Ex.mo Sr. Dr. Manuel Rodrigues Simões Júnior.

(5) As dimensões são as seguintes: largura: 0,60 m; altura, aos lados: 0,46 m; ao centro: 0,52 m; fundo: 0,45 m.

(6) M. R. Simões Júnior, *Mosteiro de Arouca (A Arte em Portugal, n.º 20)*, Porto, 1960.

A parede de fundo acaba na fantasia de um remate barroco, com a mesma decoração, comparável com a arquitectura coeva de fachadas e chafarizes. No chão, há indicações de largas «pranchas» de cor castanha, igualmente típicas do período em Portugal.

Os móveis da «Cela de Santo Ambrósio», como nas melhores maquetas inglesas e holandesas, são todos homogéneos, perfeitamente iguais em



Museu de Arouca — *Cela de Santo Ambrósio.*

escala e pormenores estilísticos. Passemos-los em revista, peça por peça, para estabelecer a verdadeira importância desta obra extraordinária, talvez única na arte decorativa portuguesa.

Encontramos primeiro, do lado esquerdo, um relógio alto do tipo inglês muito apreciado em Portugal durante os reinados de D. João V e de D. José. A sua caixa delgada, pintada em fingimento de mármore, contém, na zona vertical, o habitual painel em relevo das peças britânicas. O remate, porém, de perfil extravagantemente sinuoso, derivado

da arquitectura barroca romana, revela a imitação exacta de certos relógios portugueses, inspirados pelos ingleses. Ao lado do relógio e por baixo da janela vêem-se três cadeiras, de alto espaldar, parcialmente douradas, derivadas do estilo «Queen Anne» inglês, de uma forma que se começou a fabricar em Portugal no reinado de D. João V, e que gradualmente se desenvolveu com elementos rococós, no reinado sucessivo de D. José. Aqui novamente há motivos portugueses, no perfil do remate, onde uma concha barroca ocupa o meio, e nos fantásticos «joelhos» das pernas, abertos em círculos, à imitação de relicários da época.

Repetem as linhas da moldura rococó do remate do último móvel deste lado da sala, uma «biblioteca» cujas prateleiras assentam sobre um belo «pied de table» composto de três volutas douradas. São as célebres pernas serpentinadas do rococó francês, que se notam também na cadeira de braços, do centro da sala, em combinação, desta vez, com os típicos pés de garra e esfera da moda coeva inglesa. A cadeira é uma formosa versão em miniatura de uma peça característica do estilo Chippendale, cujo nome deriva do famoso marceneiro londrino Thomas Chippendale (1748-1779), que teve imensa influência no mobiliário de Portugal, durante o reinado de D. José. Acompanha a cadeira uma magnífica mesa de trabalho, baseada num «bureau plat» do estilo Luís XV da França, a fonte principal do rococó português. Com a excepção dos seus pés em forma de pata de leão, a mesa da «Cela de Santo Ambrósio» assemelha-se àquela que se vê na grandiosa gravura do Marquês de Pombal de 1772 (?), baseada numa pintura de Van Loo e Vernet, de 1767, uma data aliás que corresponde admiravelmente com o estilo da mobília da maqueta de Arouca. Como as fechaduras da gaveta da mesa do santo são de um tipo caracteristicamente português, a pequena peça foi provavelmente composta em imitação de um modelo lusitano. Sobre esta sumptuosa mesa figura, entre outras coisas diminutas, uma pequena estante ocupada por um velho «manuscrito em pergaminho», cujas páginas, parcialmente enroladas, estabelecem na luxuosa sala um elemento de grande realismo.

Contra a parede de fundo da maqueta vêem-se expostos objectos de um gosto igualmente rico. Nas extremidades há duas portas cobertas de volumosos reposteiros de seda carmesim, introduzindo assim uma nova cor, que é, junto com o branco, azul e ouro, indispensável a qualquer interior português do século XVIII. Notáveis são as sanefas das portadas pelas suas formas curvas, recordando sanefas e cimalthas lisboetas da época, nas igrejas de N. Sr.^a das Mercês e da Madre de Deus.

Reminiscências eclesiásticas continuam nas duas mesas serpentinadas em forma de mísula, delicadamente entalhadas à moda rococó, semelhantes

(?) Ernesto Soares, *História da Gravura Artística em Portugal*. Vol. I, Lisboa, 1940, p. 122.

às que frequentemente se encontram em capelas-mores do Minho. Acompanha-as um par de espelhos josefinos verdadeiramente excepcionais pelas suas belas proporções e pela delicadeza da talha dos remates, que representa um tipo de espelho muito frequente em sacristias, como na da Misericórdia de Aveiro. São esses, porém, indubitavelmente da escola do Porto, dada a formação das suas molduras laterais em linhas paralelas, atadas por fitas, que sugere o estilo do entalhador Francisco Pereira Campanhã, activo entre 1755 e 1773 ⁽⁸⁾. Quatro outros, muito mais pequenos, estão colocados por cima. Sobre as duas mesas avista-se uma colecção de jarros cobertos e outras peças de «louça», pintadas com brasões e folhas, que vivamente lembram a cerâmica da época.

No centro da parede de fundo, ocupando o lugar de honra, está uma escrevaninha também de derivação inglesa, mas com pés esculpido e fechaduras à portuguesa. Os ângulos da frente do rico móvel ostentam bustos dourados, em imitação talvez de certos móveis do estilo da Regência francesa, aparecendo o mesmo motivo novamente no plinto, ou «guéridon», em frente do reposteiro do lado esquerdo. O móvel serve de base para uma imagem de um menino ajoelhado.

Imediatamente por cima da escrevaninha, embutido na parede, destaca-se o maior elemento decorativo da sala, um grandioso nicho contendo um crucifixo e castiçais de várias formas interessantes, em cujo fundo foi pintada folhagem, segundo as convenções da arte freirática da época. Significantíssima é a rica talha dourada da moldura do nicho, cujas pilastras e cornija oferecem uma tosca interpretação de certos esquemas típicos do norte de Portugal. A composição do nicho recorda vários chafarizes de sacristia e, em particular, o de N. Sr.^a do Carmo, de Ouro Preto no Brasil, atribuído ao Aleijadinho, de evidente inspiração minhota ⁽⁹⁾.

Para completar o elenco da mobília do fastoso apartamento, mencionemos os diversos quadros religiosos, em molduras pintadas e douradas, expostos nas paredes, sobretudo a da cabeça da Virgem, de forma oval, por cima do nicho. Chamemos a atenção para os bustos e o grande «jarro da Índia» colocados na cimalha principal da «cela» e finalmente as duas gaiolas douradas, de complicado torneado, suspensas do tecto, e entre elas a candeia de prata para iluminar o crucifixo do nicho.

A «Cela de Santo Ambrósio» revela-nos, com uma minúcia notável,

⁽⁸⁾ D. de Pinho Brandão, *Obra de talha dourada no Concelho de Matosinhos...*, «Boletim da Biblioteca Pública de Matosinhos», n.º 10 (Agosto de 1963) p. 54; Artur de Magalhães Basto, *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*, «Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto», vol. XX, fasc. 3-4, Set.-Dez. 1957, pp. 432-438.

⁽⁹⁾ Germain Bazin, *Aleijadinho*, Paris, 1963, p. 161.

o que foi um rico interior da época de 1765-1775. Vai muito além das pinturas de ex-voto do período, a principal fonte que temos para estudar como se mobiliava uma sala no século XVIII, pois mostra mais móveis executados com bastante mais atenção aos pormenores do que qualquer delas. A maquete, admirável pela sua execução, pertence não à arte popular das «promessas», mas sim à arte académica da marcenaria de luxo. A elegância de estilo e a opulência da mobília relacionam-na com a nobre talha cistercense do século XVIII, com os esplêndidos retábulos de Arouca e de Bouro, com o grandioso cadeiral de Lorvão e a magnífica sacristia de Alcobaça, chamada por William Beckford o Versailles de Portugal ⁽¹⁰⁾.

⁽¹⁰⁾ *Italy, Spain and Portugal with an excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha*, New York, 1845, p. 188.